

AB SABIN
Ensinar é criar descobertas

AS COLEGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades



cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

1º trimestre letivo 2021 – ano XXVII – nº 78

Em defesa da escola

Caros amigos,

Em março de 2020, um relatório elaborado por pesquisadores da Universidade de Harvard e da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) para guiar a resposta educacional à COVID-19 afirmava, já em seu primeiro parágrafo: “As necessárias medidas de isolamento social trarão uma interrupção na educação escolar por vários meses [...] Na ausência de uma estratégia intencional e eficaz que proteja as oportunidades de aprender durante este período, esta interrupção causará graves perdas de aprendizado para os alunos.” Desde então, é cada vez mais evidente nossa responsabilidade na defesa da educação como atividade essencial e direito fundamental das crianças e jovens.

Como grupo educacional, sempre tivemos o dever de contribuir para a formação de nossos mais de 4 mil alunos. Ao mesmo tempo, neste momento atípico, tínhamos a consciência de que todos estávamos lidando com outras questões também absolutamente essenciais, como saúde e segurança financeira, e de que nossa função era atender a uma responsabilidade sem comprometer as outras. Fazer escolhas que minimizassem as perdas decorrentes do afastamento dos alunos, sem recorrer ao raciocínio de que talvez fosse mais fácil abrir mão da educação formal por um tempo, sob o argumento de que prejuízos de conteúdo seriam recuperáveis. Ou de que o custo para promover o aprendizado a distância seria alto demais.

Nesse processo, acabamos por descobrir um papel muito relevante das escolas na estruturação de toda a sociedade. Não apenas na educação das novas gerações, mas também no estabelecimento de uma rotina dos lares e na promoção da saúde mental dos alunos. Nossas escolhas, que visavam ao menor prejuízo para o aprendizado, passaram a considerar também formas de contribuir com a organização de cada família e de evitar desconfortos, para além dos inevitáveis em uma pandemia.

Somado a isso, havia também a urgência de cuidar de quem cuida diariamente de nossos estudantes. Professores e colaboradores estiveram sempre

comprometidos em zelar pela educação, não deixar o ritmo cair e se mostrar presentes para as demandas de cada aluno; e nós estivemos comprometidos com eles. Além de garantir a manutenção de renda de toda a equipe, promovemos um conjunto de olhares e ações que têm nos permitido superar juntos os desgastes impostos por essa grave situação.

Assim, entre o abre e fecha de portas que vivemos há mais de um ano, entre sinais de esperança e desilusão que se alternam, fomos reprogramando nossas ações em busca das melhores escolhas para todos.

Hoje, temos alguns aprendizados consolidados. A sociedade brasileira, a exemplo de outros países, evoluiu para tratar a educação como atividade essencial. Por meio de gestores públicos e organizações da sociedade civil, caminhamos – a passos ainda tímidos – para garantir cada vez mais a educação presencial para nossos alunos. Também já temos sedimentada a ciência quanto ao menor papel que as crianças representam na disseminação do vírus. De nossa parte, aprendemos no dia a dia a implementar um protocolo de saúde, a lidar com as restrições impostas, a medir o número de casos de COVID-19 e a seguir acompanhando com segurança as condições higiênicas e sanitárias dos nossos colégios. A todo tempo, nossas escolhas foram pautadas pelo compromisso com alunos, famílias, colaboradores, e, sobretudo, com a educação. Afinal, se a escola não mantiver o papel de defender a educação, quem o fará?

E assim seguimos, agora em um novo momento, no qual a educação presencial é permitida, mas ainda encontra barreiras. Seja pela preocupação com a saúde de familiares e pessoas em contato com alunos; seja por receio do retorno ao convívio por parte dos jovens; seja pela possibilidade do ensino remoto (que não substitui o presencial); seja pela necessidade de, mais uma vez, reorganizar as rotinas familiares.

Cada escolha é genuína e compreensível. Estamos em um caminho de aprendizados, e muitos ainda estão por vir. Mas, diante das escolhas e de quaisquer dificuldades que ainda venhamos a enfrentar, jamais perderemos o nosso norte: a defesa da educação.



Cristina Godoi
Mantenedora dos colégios Albert Sabin, AB Sabin e Vital Brazil
cristina@albertsabin.com



Aprender com as adversidades

Revista do Sabin, 1º trimestre letivo 2021 ano XXVII – nº 78

Aluna da capa: Maria Eduarda Soares Masuda, 9º ano A.
Na foto acima: Gustavo Melazo de Souza, 9º ano A.

4+5



+ Conversa Paralela

Especialista fala sobre desafios e possibilidades da educação brasileira na pandemia

6+7



+ Educação Infantil

Por que os primeiros anos da escola têm prioridade no retorno ao ensino presencial

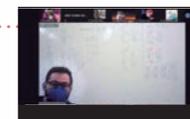
8+9



+ Ensino Fundamental I

Como fazer o aluno enxergar no erro uma etapa natural do processo de aprendizagem

10+11



+ Ensino Fundamental II

No PEE, alunos têm a chance de estudar por outros meios em um contexto motivador

12+13



+ Ensino Médio

Alunos avaliam efeitos do isolamento em sua vida social e o que aprenderam com isso

14



+ Idiomas

Conversa com ex-professora de Inglês na Nova Zelândia inspira alunos a sonhar alto

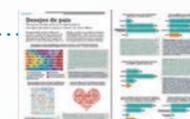
15



+ Esportes&Cultura

Atividades culturais ajudam alunos a descobrir e a expressar a própria identidade

16+17



+ DataSabin

O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão

Alunos refletem sobre o tema da desigualdade social

20



+ Encantamento

Campanha arrecada toneladas de alimentos para comunidades de duas escolas parceiras

EXPEDIENTE A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos colégios Albert Sabin e AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Sílvia Adrião (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Cláudio Pinheiro, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Paulo Rogério Vieira, Sílvia Adrião **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustradora convidada:** Karla Linck (págs. 8 e 9) **Textos:** Alexandre Bandeira, Gerson Sintoni (pág. 20) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Masson **Distribuição gratuita. 1º trimestre letivo 2021.**





Fabio Campos, pesquisador de Educação e Tecnologia.

“O País precisa de um plano”

AOS 41 ANOS, O CARIOCA **FABIO CAMPOS** TRABALHA COM EDUCAÇÃO HÁ MAIS DE DUAS DÉCADAS. EM 1998, RECÊM-INGRESSO NO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFRJ, FABIO E CINCO AMIGOS, EX-ALUNOS DO COLÉGIO SANTO INÁCIO, UM DOS MAIS TRADICIONAIS DO RIO DE JANEIRO, VOLTARAM À ANTIGA ESCOLA COM UMA PROPOSTA PARA RETRIBUIR O ENSINO DE QUALIDADE QUE HAVIAM RECEBIDO. NASCIA ALI O CURSO INVEST, UM PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO, AINDA HOJE SEDIADO NO SANTO INÁCIO, EM QUE ATUAVAM COMO VOLUNTÁRIOS. OS AMIGOS VIRAM A INICIATIVA VINGAR, COLOCAR CENTENAS DE JOVENS DE BAIROS POBRES EM BOAS UNIVERSIDADES E RECEBER, EM 2012, O *PRÊMIO FAZ DIFERENÇA*, DO JORNAL *O GLOBO*. A CONQUISTA O MOTIVOU A LARGAR O MARKETING E A SEGUIR DE VEZ O CAMINHO DA EDUCAÇÃO, COM PASSAGENS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E PELO 3º SETOR, ANTES DE VIAJAR PARA OS ESTADOS UNIDOS, PARA APROFUNDAR SUA FORMAÇÃO. MESTRE PELA UNIVERSIDADE DE STANFORD, ELE É HOJE PESQUISADOR E DOUTORANDO NA UNIVERSIDADE DE NOVA YORK, DE ONDE FALOU COM A **REVISTA DO SABIN** SOBRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO CONTEXTO DA PANDEMIA.

Numa pandemia, qual deve ser a prioridade da escola?

Sem a menor dúvida, a prioridade sanitária. Preservar a vida, ponto. Estou falando de escola física: hoje, falar em abrir escola, só depois de todas as garantias para que professores e alunos não corram risco. A segunda prioridade é a equidade na educação. E é muito difícil acontecer isso, porque já não acontecia. Nem todo mundo tem acesso à internet, um dispositivo próprio e um ambiente em casa que conduz à aprendizagem. E os que têm tudo isso não necessariamente têm um educador que sabe fazer uso de tecnologias educa-

cionais, ou uma visão educacional do que é educar a distância, que não é pegar a mesma aula, fazer um PowerPoint e botar *on-line*. Fala-se muito das desigualdades que a pandemia revelou – o aluno está em casa e não pode ficar sem aula, senão perde a aprendizagem –, mas essa situação não é nova. Vou dar um exemplo: trabalhei muito com escolas em zonas conflagradas no Rio de Janeiro, em que o aluno ficava uma semana sem aula por causa de tiroteios, ia dois dias à escola, passava mais três em casa, sem nenhuma continuidade. O País já vivia outras situações como essas, em que os alunos ficam impossibilitados de ir à escola.

Por que a continuidade é importante?

Porque nós não somos um computador, que, quando para um processo, guarda aquela memória em estado imutável e amanhã ou depois de um ano pode retomar do ponto em que parou. Nós esquecemos as coisas. Aliás, aqui, nos EUA, tem inúmeros estudos sobre isso, que alunos, durante as férias de verão, desaprendem, andam um pouco para trás. Imagine durante uma pandemia, muito mais longa que um verão. É preciso manter o processo continuado, sobretudo para crianças e adolescentes. Meu ponto sobre a preservação da vida é sobre voltar sem critério, sem proteção; mas o processo de ensino e aprendizagem não deveria depender do espaço físico. O Brasil tem condições para fazer isso acontecer *on-line*.

O Brasil tem condições?

Tem! Mas o que falta? Vou comparar com a pandemia. O Brasil tinha uma tradição de vacinação, postos de vacinação, profissionais... Tinha tudo para vacinar mais e mais rápido que os EUA. E o que faltou? Uma estratégia coordenada nacional. Na educação com tecnologia, o País também não tem uma estratégia. Se perguntar para gestores públicos, talvez falem sobre conectividade. *Tá*, mas vamos dizer que eu coloque 100 MB em toda escola do Brasil: e aí, qual o próximo passo? Ninguém vai saber o que fazer. Qual tecnologia vai usar? Como vai usar? Como vai integrar o currículo? Como vai formar o professor? O Brasil fala muito de conectividade, mas não é só. O País precisa de um plano.

Além da continuidade da aprendizagem, há outros efeitos positivos no uso das tecnologias digitais na educação?

Com certeza. Os alunos não vão aprender só o conteúdo curricular. Na verdade, eles vão interagir com as tecnologias de qualquer maneira; então, que a escola seja o lugar onde aprendam usos virtuosos das tecnologias. Por exemplo, que esse uso seja cívico, no sentido de promover a democracia. E o que é isso? É não propagar *fake news*. Não cancelar pessoas. Ter uma visão crítica de fontes, de origem da informação. É ter uma visão crítica de debate: o que se fala, o que não se fala, como respeitar a identidade alheia. Ser um *troll* da internet ou fazer *bullying* tem consequências gravíssimas, e a escola pode ensinar o aluno a entender isso. A tecnologia também pode ensinar o aluno a ser mais criativo, ter um pensamento de *design*: como se

constroem as coisas? Se houver um erro, como encontrar o erro? Você pode ter formas mais ativas de aprender.

Qual a importância da escola como espaço físico?

Total importância. Na verdade, não acredito em escola que não tenha alguma parte física. Mesmo quando falamos de tecnologias, não é só de mediação *on-line*, é também de tecnologias físicas. Por exemplo: uma aula *maker*, de robótica, de criatividade digital, todas elas devem acontecer como aula presencial. A escola é um espaço de convivência e socialização. Existem algumas socializações, e uma delas é a digital, mas a socialização que usamos mais, como seres humanos, é a presencial. A presencial dá o tom, até, da digital, e os alunos precisam aprender isso.

Qual o papel das escolas privadas no enfrentamento da crise educacional gerada pela Covid?

O principal papel é dividir aprendizado. Na área de tecnologia, eu vejo as escolas privadas pelo menos uma década à frente do setor público. Porque tiveram o privilégio de testar, errar, saber qual tecnologia usar, como comprar, como implementar, como formar o educador; o que dá certo, o que não dá certo. Essa experiência que um Sabin ou um Santo Inácio têm, o setor público não tem ainda. Então, as escolas privadas têm quase o dever de dividir um pouco esse conhecimento. Como fazer? Aí podemos conversar, se é por meio de um *blog*, um livro, um ciclo de palestras. Mas deveríamos ser capazes de dividir esses aprendizados.

Para concluir: como você avalia o debate sobre abrir ou fechar escolas hoje?

A maior parte dos estudos, inclusive alguns feitos no Brasil, mostram que as escolas, em geral, não são focos de espalhamento da Covid. Em geral, são espaços seguros, se as condições sanitárias forem mantidas e bem-cuidadas. Dito isso, a pergunta é: as escolas são capazes de fazer isso? Pensando na escola como comunidade: todos os atores estão dentro de corpo e alma para isso acontecer? Porque cientificamente é possível, mas [não pode] um pai falar: “Meu filho não usa máscara”. Ou um professor pensar: “Posso ter pego Covid, mas acho melhor não falar para não causar problema”. Ou a escola abafar um caso para não alarmar os pais... Ou seja: todo mundo tem seu papel nisso. Mas, se a comunidade escolar for capaz, eu acho que a escola tem de reabrir.

A influência do ambiente

Há bons argumentos pedagógicos para priorizar o ensino presencial na Educação Infantil.

Se for preciso fechar escolas de novo, a psicóloga Juliana Vassallo sabe que, mesmo a distância, o Colégio AB Sabin ainda poderá fazer muito pela educação do seu filho Antônio. Ao longo de quase todo o ano passado, Juliana observou o filho mais novo assistir às *lives* de sua turma e o ajudou a cumprir os roteiros de atividades que garantiam que ele seguisse aprendendo importantes lições, longe da sala de aula. “Foi comigo que ele aprendeu a escrever o próprio nome”, diz a psicóloga, que pondera: “Tem um lado bonito nisso de participar assim da educação do filho”.

No entanto, quando pôde voltar a levar Antônio à escola, no final de 2020 e de novo no início de 2021, Juliana tinha certeza do que seria melhor para ele. “[A aula presencial] é fundamental! Na escola eles usam muito o lúdico, e é totalmente diferente quando esse lúdico é na interação com os amigos, em vez da família”. Se ainda havia dúvidas, logo o próprio Antônio tratou de tranquilizá-la. “Já na primeira semana de aulas, ele dizia: ‘Mãe, pode ficar despreocupada, que eu sou muito bem-cuidado na escola’. Com essas palavras!”, lembra Juliana, divertindo-se com o vocabulário do filho.

Há bons argumentos pedagógicos para dar razão a Juliana e Antônio. Mais do que em outras fases escolares, na Educação Infantil a criança aprende, basicamente, por meio de interações e pela frequência na repetição dos estímulos. São fatores que sofrem restrições difíceis de contornar no

ensino remoto, como a falta de autonomia da criança no uso de computadores, a necessária limitação do tempo de telas e até, como bem notou Juliana, a diferença essencial entre as interações da criança com sua família e aquelas vividas com colegas e professores no ambiente escolar.

Por esses motivos, assim que as condições epidemiológicas no Estado permitiram a reabertura das escolas, mas com limite diário do número de alunos, tanto o AB Sabin quanto o Albert Sabin determinaram que as crianças da Educação Infantil teriam prioridade na volta às aulas presenciais, podendo frequentar os colégios todos os dias, se as famílias quisessem. Uma oportunidade que, segundo Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin, foi recebida com entusiasmo pela grande maioria de pais e alunos.

“Por incrível que pareça, este ano tivemos a melhor fase de adaptação de todas”, diz Dionéia, referindo-se às semanas iniciais em que as crianças da Educação Infantil, muitas em sua primeira experiência escolar, acostumam-se com as rotinas do colégio. “Mesmo sem os pais poderem entrar com eles, devido às medidas sanitárias, os alunos estavam ansiosos para vir à escola; todos se deram super bem, sabendo respeitar os protocolos; foi um fenômeno”.

Era inevitável, porém, que o entusiasmo não fosse o único efeito dos meses de afastamento sentido pelas professoras em seus alunos. E não demoraram a se acender alertas, relativos a alguns atrasos de desenvolvimento – ne-



nhum grave e, certamente, nenhum irreversível –, que só confirmaram o acerto de dar a prioridade do ensino presencial à Educação Infantil.

Não era de se estranhar: alguns dos primeiros sinais de que o longo período de confinamento em casa havia interferido no desenvolvimento dos alunos se manifestaram em seus corpos.

Mais precisamente, em suas competências espaciais e motoras, como nota Dionéia Menin.

“Eles voltaram mais tropeçantes. Víamos crianças caindo, andando nas pontas dos pés ou não exercitando direito a alternância dos pés”, diz a coordenadora, comentando a importância de escolas oferecerem espaços amplos e objetos diversos – como bambolês, motocas, cordas, gangorras e castelos – para a criança explorar. Ela lembra que habilidades motoras globais – como correr, saltar e subir escadas – estão ligadas à aquisição de habilidades finas, como desenhar letras e números.

Na casa da família Vassallo, Juliana corrobora o testemunho de Dionéia, tendo visto o próprio filho Antônio repetidamente esbarrar em móveis e cair no chão, no ano passado, “às vezes de fazer galos enormes”. E, quando Antônio e o irmão mais velho, João Pedro, puderam voltar à escolinha de futebol, no fim de 2020, “a sensação era de que eles tinham desaprendido a correr”.

Para além da parte motora, outro sinal de que a escola presencial fez falta para os alunos se mostrou em uma ligeira regressão na maturidade e autonomia de alguns – consequência de meses sem exercitar a socialização mais direta com outras crianças, com a maioria de suas interações apenas na posição de filhos, assistidos em quase tudo pelos pais. “Nas primeiras semanas, deu para per-

ceber alunos com fala muito infantilizada, alguns usando chupeta”, diz Andréa Silva, orientadora educacional da Educação Infantil do Sabin.

Professora do Maternal I do AB Sabin, Fabiana Kalandjian ressalta a variedade de aprendizados socioemocionais que as interações entre os alunos – que, no ensino remoto, são mais limitadas – têm a proporcionar. “As rodas de conversa, por exemplo, são muito importantes para que eles se *escutem* trocando experiências e sentimentos, tanto para construir uma autoimagem como para reconhecerem a existência do outro, fora do contexto familiar”, diz a professora. “Até na hora do lanche, quando uma criança vê o amigo abrindo a lancheira sozinho, comendo e usando a toalha sem ajuda de adultos, ela acaba se comparando e aprendendo”.

O aprendizado se dá, ainda, quando surgem conflitos, o que costuma ocorrer, com *intencionalidade* das professoras, durante brincadeiras competitivas. “A criança está aprendendo a se colocar em conflito com alguém igual a ela”, diz a diretora do AB Sabin, Sílvia Adrião, ressaltando a diferença entre ter como adversário um colega e jogar contra o pai ou a mãe. “O mesmo jogo pode ser jogado em casa, mas a natureza da relação é outra, e a intervenção da professora ganha outro peso e efetividade na sala de aula”.

No entanto, se é fato que a distância da escola durante quase todo o ano de 2020 teve impactos no desenvolvimento dos alunos, as educadoras também garantem que nada foi perdido.

“A criança nessa idade se adapta muito rápido, tem o cérebro biologicamente pronto para isso, com uma neuroplasticidade muito alta”, diz Dionéia Menin. “Além disso, a Educação Infantil é estruturada em uma espiral, trabalha os mesmos conteúdos repetidas vezes. Tudo se recupera”.

Já a coordenadora pedagógica do AB Sabin, Suzy Vieira, nota que nenhuma família é igual à outra, e que portanto as experiências de 2020 e seus efeitos nos alunos não podem ser generalizados. “A gente sempre teve um olhar individualizado para cada criança, e agora esse olhar é mais importante do que nunca”, diz ela. “Cada aluno atingiu um patamar de acordo com o que foi possível viver no ano passado. Então, se tem criança que ficou um pouco mais dependente dos adultos, a gente dá uns passinhos para trás nesse ponto com ela; por outro lado, também tivemos alunos que voltaram mais autônomos. O importante é que, agora, na escola presencial, podemos acolher e ver mais de perto as dificuldades de cada aluno e os desafios que cada um já é capaz de enfrentar”.





A descoberta do erro

Longe de serem sinais de fracasso, os erros são um dos principais caminhos para a aprendizagem.



Em 1940, o alemão Alexander Grothendieck tinha 11 ou 12 anos de idade quando, brincando de desenhar círculos e rosetas com um compasso, convenceu-se de que a circunferência de qualquer círculo seria seis vezes o tamanho de seu raio ($2 \times 3 \times r$). Ao consultar um livro de Matemática, porém, descobriu que estava enganado: toda circunferência equivale ao dobro do raio multiplicado por 3,14..., ou $2 \times \pi \times r$. Décadas mais tarde, já consagrado como um dos maiores matemáticos do mundo, ele teria isto a dizer sobre o caso, em suas memórias: “Não senti nenhuma frustração ou vergonha, apenas a sensação de ter feito uma descoberta genuína: a de um erro!”

O relato, citado no livro *How We Learn* (“Como aprendemos”), do neurocientista francês Stanislas Dehaene, revela um entusiasmo do matemático ao se deparar com o próprio erro que talvez pareça incomum, mas que, se professores souberem inculcar em seus alunos desde pequenos, mostra-se uma valiosa força de aprendizagem.

Não à toa, Dehaene classifica o que ele chama de *feedback* de erro como um dos quatro pilares da aprendizagem (ao lado do foco, do engajamento e da consolidação do estudo, que é basicamente a função do sono no cérebro). Ou seja: saber o melhor jeito de mostrar para um aluno que ele errou e propor a ele formas produtivas de lidar com isso pode ser muito mais importante do que as próprias notas obtidas, que, segundo o neurocientista, são “a parte menos interessante de um teste”.

É uma visão muito próxima à adotada no Sabin, como afirma a coordenadora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, Dionéia Menin: “O erro é entendido tanto como um aspecto processual da aprendizagem quanto como um diagnóstico”. Segundo a coordenadora, erros servem para sinalizar quais conteúdos o aluno



precisa rever ou o que o professor tem de mudar em sua estratégia (diagnóstico), mas são ainda mais relevantes como passos do caminho (processo) que leva o estudante ao conhecimento. Para isso, porém, é preciso que se entenda que errar não é o final da aprendizagem, muito menos um final fracassado. Errar é somente uma etapa.

Na jornada que se inicia desde a pré-escola, talvez seja só a partir do 2º ano do Fundamental que os alunos do Sabin tenham plena consciência de estarem sendo avaliados. É quando passam a ser aplicadas, formalmente, suas primeiras provas, nas quais erros e acertos são apontados pelas professoras, e notas lhes são atribuídas. É, também, quando o Colégio já começa a demonstrar cuidados para evitar que essa sinalização de erros e acertos não seja associada a velhos estigmas.

O mesmo cuidado está presente também nas conversas da equipe com as famílias, afirma Dionéia, que, em toda reunião com pais e mães, sempre faz questão de lembrar que as notas de um aluno são um retrato do momento, e não um veredito definitivo de sua capacidade. “Seu filho não é um ‘aluno nota 10’ ou um ‘aluno nota 5’”, diz a coordenadora. “As notas apenas nos sinalizam o quanto ele aprendeu até ali e como retribuiremos com ele alguns conteúdos, de forma individualizada”.

Oferecer bons *feedbacks* de erro, porém, não se restringe a naturalizar que um aluno ainda não saiba a resposta certa para uma questão. Mais importante é mostrar-lhe como tirar proveito disso – a começar pela chance de tentar de novo. “Uma estratégia que adotamos, nesses primeiros anos de avaliação, é sinalizar os erros cometidos pelo aluno e devolver para ele as questões, como lição de casa”, diz Karla.

Outra estratégia bastante produtiva é a de troca de provas e exercícios entre pares de alunos, para que cada

um corrija o outro. Segundo Dionéia Menin, o primeiro benefício de haver outro “mediador externo” – a pessoa que corrige – é o de retirar do professor a autoridade exclusiva de apontar erros. “Ser corrigido não tem de ser visto pelo aluno como algo grave, solene”.

Já a assessora de Matemática Maria Teresa Mastroianni nota que outra vantagem dessa prática é treinar o olhar dos alunos para identificar erros, contando com o fato natural de que é sempre mais fácil perceber o equívoco alheio do que o próprio. “Eles são bem mais criteriosos sobre o colega do que sobre si mesmos, até quando é um problema de caligrafia, e não de Matemática”, diz a assessora.

E, na verdade, faz sentido que o aluno cuide da legibilidade ou clareza de suas respostas. Como explica Adriana Alonso, assessora de Ciências do Fundamental I, mesmo quando a resposta a uma questão de prova não está de todo errada, mas não está clara, ou está incompleta, é comum ouvir dos alunos, como réplica: “Ah, mas você sabe o que eu quis dizer, não sabe, professora?”

“E é aí que podemos argumentar com eles: ‘E se não fosse eu que estivesse corrigindo? E se fosse seu colega?’”, diz Adriana. A estratégia da troca de correção, diz a assessora, ajuda o aluno a perceber que acertar ou errar não é atender ou deixar de atender às expectativas de um professor: é consolidar ou não o conhecimento aprendido, para saber utilizá-lo adequadamente.

Já nas aulas de Produção de Texto, diz Karla Ramos, revisar a redação – de um colega ou a própria – é frequentemente

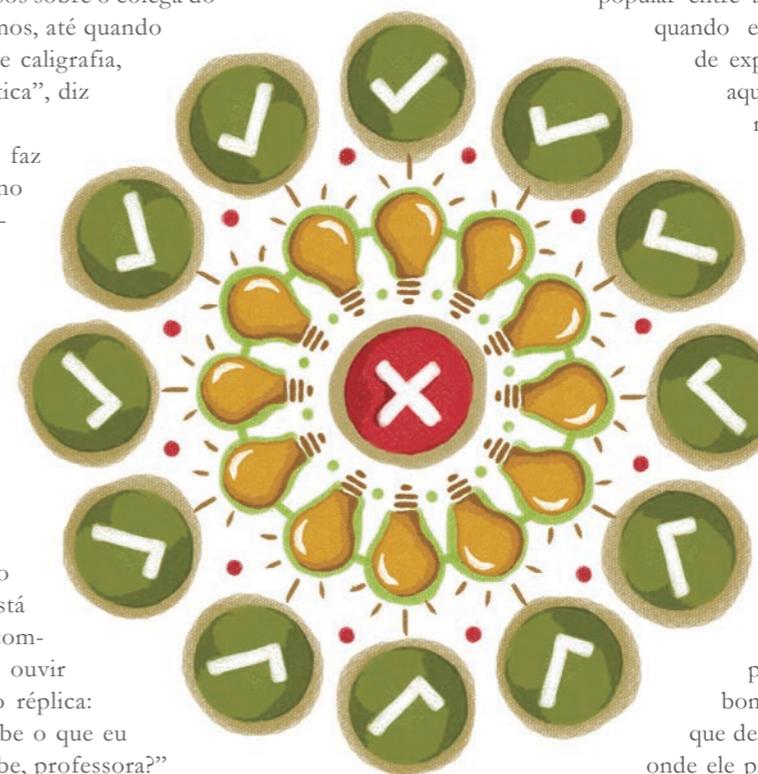


parte do processo, que só termina depois que, identificados os erros, o texto vai para a reescrita pelo autor. “Esses exercícios de correção e autocorreção quebram a ideia do erro como fracasso, além de ajudarem a criar o hábito de sempre revisarmos tudo o que fazemos, como um sinal de responsabilidade”, diz a assessora.

E é uma responsabilidade que pode até ser divertida. Como conta Maria Teresa, uma estratégia popular entre as turmas do 5º ano, quando ela corrige exercícios de expressões aritméticas – aqueles problemas formados por números, operadores (+ - x /) e símbolos ({} , [] , ()) –, é que ela diz qual é o resultado final, mas não em que ponto do processo o aluno, porventura, possa ter errado.

“Eu não vou corrigindo linha por linha, eles é que têm de refazer os passos para achar o erro. O bom dessa abordagem é que deixa claro para o aluno onde ele precisa jogar seu foco: se ele errou quando fez um cálculo

de cabeça, por distração, passa a prestar mais atenção; se errou na ordem das operações, estuda mais isso”, diz a assessora. “Mas o mais legal é a animação deles para procurar o erro, quase como uma investigação. Você precisa ver a alegria quando eles encontram: ‘Achei, professora!’” É a mesma alegria sentida pelo alemão Alexander Grothendieck, lá em 1940, ao fazer a descoberta genuína – a de estar errado –, rumo ao conhecimento.



Nova chance para o aprender

Mais que aulas de reforço, o Programa Especial de Estudos dá a alunos a oportunidade de estudar por outros meios, em um contexto motivador.

“Que delícia de atividade, professora!” Não era o primeiro elogio que a professora de Língua Portuguesa Fernanda Meireles recebia de uma aluna, mas ainda assim era gostoso de ouvir.

A atividade era a leitura conjunta de um trecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para identificar figuras de linguagem. Não valia ponto, ninguém estava sendo avaliado: era apenas uma conversa entre Fernanda e alunos do 9º ano sobre Machado de Assis, sua época, seu estilo, e sobre como uma “chuvinha miúda, triste e constante” caindo sobre um velório podia ter mais de um significado. O fato de aquela ser uma aula do Programa Especial de Estudos (PEE) do Sabin – oferecido para alunos que estavam com alguma dificuldade na assimilação de conteúdos de Português ou Matemática (ou de Física e Química, no Ensino Médio) – não diminuía em nada a leveza do momento, ou o prazer da turma em descobrir as metáforas e ironias da escrita machadiana.

Pelo contrário: longe do estigma comumente associado a “aulas de reforço”, no que depender dos professores do Sabin, as aulas do PEE serão sentidas pelos alunos como momentos privilegiados. Uma chance de reverem conteúdos das aulas regulares, mas por outros caminhos, com outros recursos, em um contexto agradável e motivador.

“Ser convidado para as aulas do PEE não é uma obrigação, nem deve ser entendido como punição, mas sim como uma oportunidade”, diz Elaine Ramos, orientadora educacional do Fundamental II. Ela explica que, no início de cada trimestre letivo, o Sabin convoca alguns alunos para participar do programa, de acordo com necessidades identificadas pelos professores, mas que a escolha é sempre do aluno e sua família. “Pela nossa própria filosofia, o Colégio oferece muitas atividades eletivas; se houver conflito de horários, cabe a cada um pesar suas prioridades”.

De fato, como diz Fernanda Meireles, participar do PEE não só não é obrigatório como nem sempre está re-

lacionado a notas baixas. “Às vezes, o aluno ficou em recuperação, conseguiu alcançar a média, mas sentimos que ainda precisa fortalecer certos conteúdos e habilidades. Porque nós não olhamos só o resultado de uma prova, olhamos a caminhada toda”, diz a professora, que acrescenta: “E também temos alunos que pedem para participar, mesmo sem terem sido convocados!”

É um sinal de que o programa vem conseguindo quebrar antigos preconceitos, com resultados que se fazem sentir no desempenho – e na motivação – dos participantes.

“O incentivo à participação já começa na hora da convocação”, diz Sandra Lieven, assessora de Matemática do Fundamental II e professora do 9º ano. Segundo ela, no início do trimestre os professores designados para o PEE tomam um tempinho das aulas regulares para falar para toda a turma – não só para os convocados – sobre os benefícios do programa. “E eu reforço o convite, ênfase como pode ser legal aprender com outro professor, que vai usar estratégias diferentes das minhas”, diz Sandra. “No caso da Matemática, por exemplo, o PEE usa muito os vídeos da Khan Academy, que são ótimos. Pode acontecer até de o professor apresentar conteúdos antecipados no PEE, que ele ainda vai dar na aula regular!”

Elaine ressalta a importância de diferenciar o programa das aulas regulares, entendendo que o conceito simplista de “aula de reforço” costuma significar mais do mesmo – mais exposição, mais leitura, mais exercícios –, o que não faria sentido.

“O foco do programa é também a ampliação do repertório procedimental do estudante”, diz a orientadora. “Ainda que ele apresente dificuldades com algum conteúdo pontual, o problema pode não ser tanto o conteúdo, mas alguma habilidade que precisa ser fortalecida”. E, se uma determinada forma de estudo não ajudou o aluno a desenvolver tal habilidade, o professor no PEE pode tentar oferecer outros métodos que podem combinar mais com o estilo de aprendizado de cada um.

O professor de Matemática Aurélio Silva tem um exemplo dessa abordagem, no chamado “papel diamante”. Trata-se de um recurso extremamente simples, que pode ser desenhado a lápis numa folha de papel comum, dividida em quatro quadrantes, com um losango (o “diamante”) no meio. Nele, escreve-se um problema matemático, e em cada quadrante o aluno busca a solução por um caminho possível: por meio de desenhos, de uma história escrita, do algoritmo mais adequado, etc.

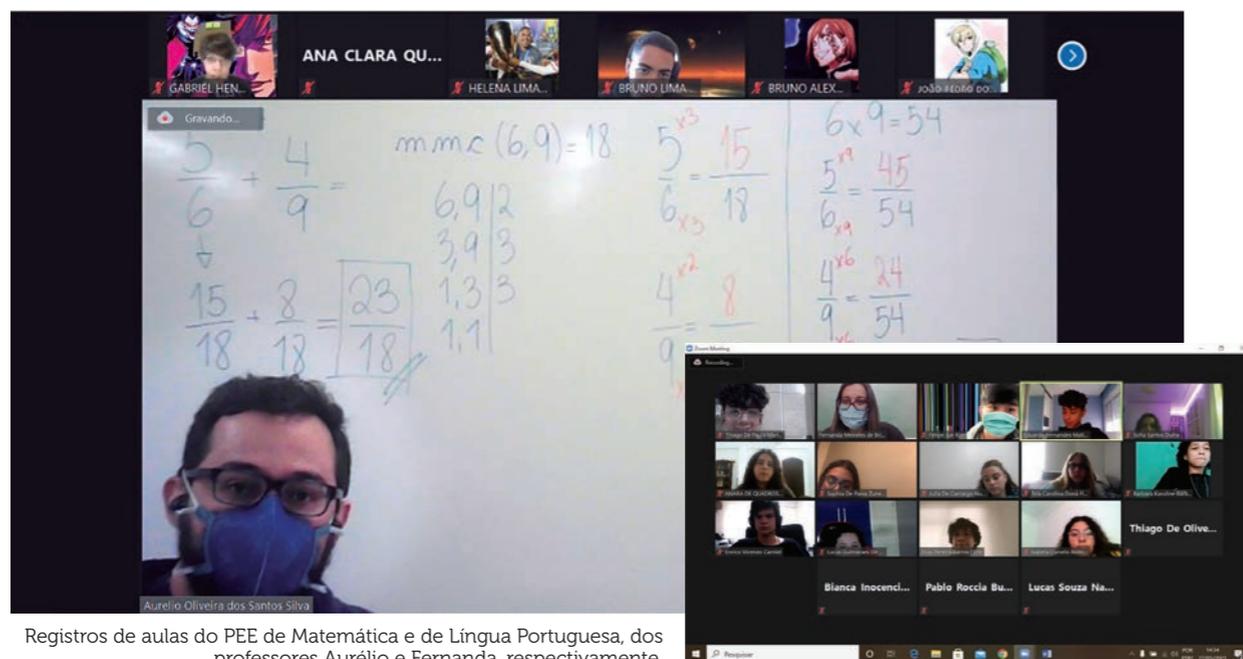
O exemplo é bom por ilustrar alguns pontos que o PEE tem como diferencial. Primeiro, há o foco na resolução de problemas. “O PEE é menos sobre aprender conteúdo e mais sobre aprender formas diferentes de pensamento e estratégias”, diz Aurélio. “Depois que o aluno resolve a questão, eu pergunto para ele: ‘Como você preferiu fazer isso? Leva para a aula [regular]’. Assim, eles começam a ficar mais confortáveis com a Matemática”.

O outro ponto é o aproveitamento do tempo, que dá prioridade à qualidade sobre a quantidade de exercícios. Aurélio pode ocupar uma aula inteira do PEE com poucos problemas matemáticos; Fernanda pode analisar apenas dois ou três parágrafos de Machado de Assis.

A diferença é o tempo de atenção que eles poderão dar a cada aluno, já que a turma é menor do que nas aulas regulares. Se um aluno sente dificuldades com equações de segundo grau, por exemplo, o professor vai querer ver de perto como ele está procedendo, desde a leitura do enunciado até a tentativa de resolução. “Às vezes, o aluno erra e começa a apagar, e eu digo: ‘Não! Eu quero ver o erro, mostre para mim como você está pensando’”, diz Aurélio.

Até porque não há notas. “No PEE, não tem lição para entregar, nem se cobram tarefas. É um momento reservado do aluno com o professor, de uma forma mais *light* e sem olhar o relógio”, diz Elaine Ramos. A única coisa que é cobrada, diz a orientadora, é o comprometimento. “É muito importante que os alunos e as famílias entendam que o PEE é um percurso ao longo do trimestre, é sequencial; não é uma aula a que você assiste na véspera de prova e pronto. Inclusive, se um aluno falta, nós vamos atrás, entramos em contato para entender o que houve e incentivá-lo a voltar”.

Os efeitos para quem aproveita essa oportunidade, garantem os professores, são notáveis. “A gente percebe na qualidade da produção do aluno”, diz Fernanda Meireles. Na qualidade e no próprio prazer de estudar, acrescenta Aurélio. “Ano passado, uma mãe de aluno me disse que ouvia o filho em casa conversando e rindo tanto que ela pensou que ele estivesse brincando; quando foi até a porta do quarto, era uma aula minha do PEE”, lembra o professor de Matemática. “Este ano, ele não está mais no programa, porque já está caminhando com mais autonomia – o que, no fim das contas, é o que esperamos para todos”.



Registros de aulas do PEE de Matemática e de Língua Portuguesa, dos professores Aurélio e Fernanda, respectivamente.

Amizade em tempos de Covid

Mesmo lamentando os efeitos do distanciamento em sua vida social, alunos do Ensino Médio enxergam o lado positivo.



No começo da quarentena, Maria Fernanda Sabbag ainda tentou manter contato com alguns amigos de fora da escola, mas os encontros *on-line* uma vez por semana foram rareando, tornando-se quinzenais, até pararem de vez. Natália Minto lamenta ter se distanciado das “amizades do transporte”, os alunos que compartilhavam com ela o mesmo ônibus no percurso entre a casa e a escola. Já para Daniel Vivancos, o que mais faz falta é o papo no recreio, aquele momento entre amigos nos cantinhos do colégio que cada aluno escolhe como seu preferido.

Estudantes do Ensino Médio do Sabin – elas da 2ª série, ele da 1ª –, os três alunos percebem como a pandemia afetou não apenas sua vida escolar, mas também sua vida social. Algo que, na sua idade, pode ser marcante, dado o peso que a vivência em grupo (ou grupos) adquire para o amadurecimento do adolescente, na formação de uma visão de mundo e de seus próprios valores.

Contudo, Maria Fernanda, Natália e Daniel não reclamam. Ou melhor, eles sabem que a situação não é ideal, mas tem pontos positivos. Por exemplo, a chance que tiveram de, virtualmente, conhecer melhor colegas com os quais haviam tido pouco contato, ou a oportunidade de fortalecer ainda mais os laços com os amigos mais próximos.

Ou, ainda, a confirmação de que o Sabin está atento e preocupado em ouvir suas ansiedades e queixas, na busca da melhor solução possível para todos.

De fato, os efeitos do distanciamento nos alunos do Ensino Médio não têm passado despercebidos pelo Colégio, que desde abril promove ações de cuidado e escuta ativa para alunos e suas famílias, o que foi batizado como Projeto

Acolher. Entre as ações, conversas com a psiquiatra e psicoterapeuta Maria Carolina Pedalino Pinheiro, o psicólogo Ricardo Frenkiel e os professores conselheiros de turma serviram para ajudar os jovens a lidar com os desafios tanto acadêmicos como emocionais do isolamento.

Frenkiel é um dos mais envolvidos no projeto, tendo conduzido rodas virtuais de conversa com os alunos, os “bate-papos fora do divã”. Para ele, a distância dos amigos, justo na fase da vida em que, fisiologicamente, a proximidade e o contato físico se tornam mais almeçados, é dolorosa para os jovens, e, por mais que respeitem os protocolos de segurança sanitária nos dias em que vão ao Colégio – sem beijos, sem abraços –, é compreensível que se sintam incomodados. “Não devemos naturalizar isso, chamando de ‘novo normal’”, diz o psicólogo. “Não é mais novo, nem é normal. E a escola tem de criar alternativas para suprir essa necessidade do contato por meios seguros e possíveis”.

Além disso, diz ele, há de se considerar a construção da própria identidade do adolescente, que depende em grande medida do convívio com os amigos. “As amizades são relações entre semelhantes, sem juízo de valor de adultos, e fundamentais para o autoconhecimento, porque é a partir dos interesses – em um esporte, um tipo de música, um estilo de vida – que os grupos se formam. Ao entrar num grupo, você se conhece”.

O psicólogo, entretanto, faz uma distinção importante entre contato social e vínculo afetivo. Ao refletir sobre como a pandemia pode ter afetado as relações de amizade dos alunos, ele considera que os vínculos afetivos mais fortes não se perdem, podendo sobreviver por outras vias e platafor-

mas. “Se se fragilizam, é porque não estavam tão bem estabelecidos”.

Um relato de Isabella Pagnone, da 3ª série E, confirma a tese do psicólogo. “Eu gosto de ficar perto, de abraços, sou muito ‘amorosinha’. A distância não ajuda, mas, alguns vínculos, ela fortalece”. Segundo a aluna, num dia de aulas *on-line* em que ela se sentia triste e havia chorado, o apoio de algumas amigas a deixou surpreendida e emocionada. “Eu não tinha ligado a câmera, elas perceberam só pela minha voz e mandaram mensagens: ‘Você tá bem?’ Hoje eu valorizo essas amizades muito mais, por essas pequenas coisas”.

Para Frenkiel, o que se perde com a restrição da escola presencial não são as amizades, mas a variedade de pessoas com as quais o adolescente mantém contato. E isso tem um preço. “O que a escola oferece de mais valioso é a oportunidade de ampliar o círculo social”, diz ele, notando que, em um dia de aula presencial, o aluno transita por agrupamentos diferentes – do transporte, do esporte, do trabalho em grupo –, nem todos por escolha própria. “E assim eles vivenciam alegrias e frustrações, experimentam a liderança e a parceria, enfrentam o risco de fazer novos contatos. Tudo isso promove maturidade, vai criando uma ‘casca’, que se perde um pouco na escola remota”.

Mesmo nesse sentido, porém, as perdas não precisam ser definitivas. Como nota a orientadora educacional Audrey Salério, a geração atual de jovens já era muito conectada, e, se alguns, de fato, têm se mostrado mais isolados no novo contexto, outros têm aproveitado as tecnologias para interagir ainda mais do que antes da pandemia. “Eles se comunicam todo dia, por mensagens, *chat*, videochamadas, até por jogos *on-line*”, diz Audrey.

É o que relata Bernardo Theodoro, da 1ª série A, que costuma disputar partidas de *videogame* nos fins de semana com pessoas de toda parte do mundo, literalmente. “Estou muito *on-line*, então os jogos são um meio

de interação com pessoas de outros países; é legal até para aprender outras línguas”, diz o aluno, que também inclui colegas do Sabin na sua vida de *gamer*. Aliás, tendo entrado no Colégio no meio de 2020, em plena pandemia, Bernardo conviveu mais tempo *on-line* com eles do que na sala de aula. E, no entanto, já sente que pode afirmar: “A grande maioria é de pessoas muito bacanas, abertas, que conversam com a gente por nada, espontaneamente”.

Aluno do Sabin há bem mais tempo, desde 2011, Daniel Vivancos, da 1ª D, é outro que tem expandido sua rede social pela internet. “Fiz amizades durante a quarentena que não teria feito presencialmente”, diz o jovem, que, no ano passado, organizou um grupo virtual de estudos para se preparar para a prova de bolsa (Desafio Acadêmico). “Chamei as pessoas da turma, ‘quem quiser pode vir’”. Algo semelhante ao que relata Natália Minto, da 2ª D, ao comparar sua relação com colegas antes e depois da pandemia: “No começo do ano passado, as turmas da 1ª série eram muito divididas em panelinhas; aí veio o ensino híbrido, e a gente conseguiu se misturar mais, fazer amizade com gente de outras salas”.

As restrições do distanciamento, que fique claro, incomodam a todos. Mas, entre os alunos entrevistados, a sensação é a de que nem tudo é motivo de lamento. Representante de sua turma, Maria Fernanda Sabbag, da 2ª série B, elogia a iniciativa do Sabin em promover o Projeto Acolher para tentar aliviar um pouco as aflições dos alunos. E lembra: “Os assessores de série também ajudam bastante, e qualquer um pode marcar conversa com eles”. Já Isabella Pagnone entende o movimento do Colégio como condizente com sua missão: “A escola tem de formar seres humanos, não apenas ensinar a matéria. Tem de promover convívio social, garantir a saúde mental, e o projeto ajuda nisso também. Então, prefiro ser positiva: em tudo a gente tem um aprendizado”.



Acima: Maria Fernanda Sabbag (2ª B) e Bernardo Theodoro (1ª A); na página ao lado, Daniel Vivancos (1ª D), Natália Minto (2ª D) e Isabella Pagnone (3ª E).

Grandes esperanças

Uma conversa especial com uma ex-professora de Inglês inspira os alunos do Sabin a sonhar alto.

Parker Liautaud é um jovem pesquisador e ativista climático americano que, aos 27 anos, já participou de várias expedições aos polos Norte e Sul do planeta. A primeira, aos 14. Em fevereiro, uma aula da turma do estágio Avançado 1, do Inglês do Sabin, incluía a leitura de um texto sobre Liautaud, como mote para os alunos treinarem o idioma em conversas sobre sonhos, desafios e superação. Mas a professora, Alexandra Freitas, achou que podia fazer melhor. Afinal, o Sabin já teve uma professora de Inglês que hoje vive na Nova Zelândia e se dedica a ensinar esportes radicais e a guiar expedições científicas à Antártica. Então, por que só ler sobre as proezas do americano, se os alunos poderiam falar, ao vivo, com alguém igualmente inspirador?

Foi assim que Alexandra teve a ideia de apresentar a turma à sua antiga colega Beatriz Boucinhas, numa videochamada “planejada para durar de 15 a 20 minutos”, mas que durou quase uma hora.

O interesse da turma não foi à toa. Além de uma profissão bastante peculiar, Bia, como é conhecida, tinha muito a contar sobre a vida em um país e uma cultura tão distantes da realidade brasileira, ainda por cima com um sotaque bem diferente do sotaque do inglês com que os alunos estão acostumados – um dos grandes atrativos da conversa.

Mais do que uma curiosidade, porém, o objetivo da atividade era inspirar, mostrar aos alunos que eles podem ter grandes ambições – e que o Inglês pode ser uma grande ferramenta para fazê-las se concretizarem.

“É o que digo para todos os alunos, desde o estágio TB1 (Básico): o Inglês é muito mais do que saber conjugar verbos ou passar no vestibular. O Inglês vai servir para abrir portas;

para que eles sejam capazes de se desafiar, experimentar caminhos”, diz Alexandra. Ou, como diz a coordenadora do Inglês, Denise Araújo, o Inglês será um “facilitador de experiências” – como a de viver em outro país, por exemplo.

É o caso de Giovane Tiguman, aluno da 3ª série do Médio e do Avançado 1 do Inglês, que diz ter ficado ainda mais convencido de um antigo plano, após ouvir o depoimento de Bia. “Um dos meus objetivos é trabalhar em outro país, ou pelo menos fazer um intercâmbio. E eu até já tinha pensado na Nova Zelândia, mas agora bem mais, depois que ela falou como é o mercado lá e como a vida está melhor em relação à pandemia”, diz o aluno.

Colega de Giovane, Naomi Pommerening ficou especialmente inspirada com a coragem da ex-professora, hoje aventureira profissional. “Sou uma pessoa muito medrosa para essas coisas mais físicas, não gosto de nada ‘radical’”, diz a jovem.

O curioso é que ela faz algo que muita gente consideraria ainda mais corajoso: Naomi toca, canta e compõe, tendo até alguns vídeos postados em suas redes sociais e no *site* do conservatório musical em que estuda. Segundo ela, sua escolha profissional provável, daqui a alguns anos, será na área da Comunicação, mas seu “sonho mesmo” seria seguir uma carreira musical – algo que, tentando ser prática, logo ela classifica como “plano B”. Ou será que ela mudou de ideia?

“Sempre pensei que era para escolher uma profissão e seguir nela para o resto da vida, mas na entrevista com Bia eu vi que não é assim, que sempre dá para mudar. E quem sabe eu não consiga unir o conhecimento de música com alguma outra área?”, diz Naomi, revelando em suas palavras que, no fundo, aquela aula de Inglês a inspirou, sobretudo, a sonhar.

Ao encontro de si mesmo

Modalidades culturais do Sabin ajudam os alunos a descobrir e a expressar a própria identidade.

Sofia Zrycki Araújo já era fã das peças e musicais do Sabin antes de pisar no palco da escola. Aluna desde 2010, quando estava no 2º ano do Fundamental, Sofia teve de esperar até o 6º ano para entrar no grupo de teatro do Sabin+Esportes&Cultura, no qual o professor Ricardo Sonzin Jr. a ajudaria a “abrir os olhos” e ver o que ela realmente queria fazer da vida. “Chegou um momento em que eu, do alto dos meus 12, 13 anos, falei para minha mãe que queria ser atriz”, lembra a jovem.

Dito e feito: no fim do ano passado, Sofia foi aprovada no processo seletivo do Centro de Artes e Educação Célia Helena, um dos mais tradicionais centros de formação de atores do País.

Assim como Sofia, muitos outros alunos que passaram pelo Sabin+Esportes&Cultura hoje trilharam carreiras no universo cultural e artístico, estudando para ser ou já atuando como atores, dubladores, dançarinos, músicos, cantores líricos e até, eles próprios, professores de novas gerações de artistas. Mas a importância das modalidades culturais do programa não se limita aos alunos que seguiram profissionalmente no caminho da arte. Longe de querer formar artistas, diz Ricardo, o programa promove a formação de repertório, o exercício de competências humanas essenciais, como a criatividade e a colaboração, e, sobretudo, o autoconhecimento do aluno, que encontra ali um meio de descoberta e expressão de sua identi-

dade, independentemente da carreira que venha a seguir.

Assessora e professora de Arte na grade curricular e de Oficina de Arte no Sabin+Esportes&Cultura, Roberta Gomes dá um exemplo que deixa clara essa abordagem focada na expressão individual do aluno. “Na grade, o curso é pautado pela História da Arte e pelas técnicas de cada movimento artístico; já na Oficina, os alunos vão direcionando o caminhar”. Segundo Roberta, exercícios mais livres e autorais, enriquecidos por conversas sobre ideias e sentimentos, vão se refletindo no traço de cada um, levando os alunos “ao encontro do que são”.

É também uma questão de coragem, diz Ricardo, notando que, em geral, a reação normal de muitos adolescentes à tarefa de se mostrar seria de medo de “se expor ao ridículo”. Para ele, quando seus alunos de Teatro são desafiados a improvisar; quando os alunos de Roberta têm de apresentar trabalhos; quando as professoras do Coral pedem que os alunos articulem melhor as palavras, abrindo bem a boca e até fazendo caretas para cantar; parte do apelo disso é, justamente, romper esse medo. “Aqui eles se expressam e ninguém os julga, e isso é muito bonito de ver. Eu até brinco com eles: vamos ser ridículos juntos!”

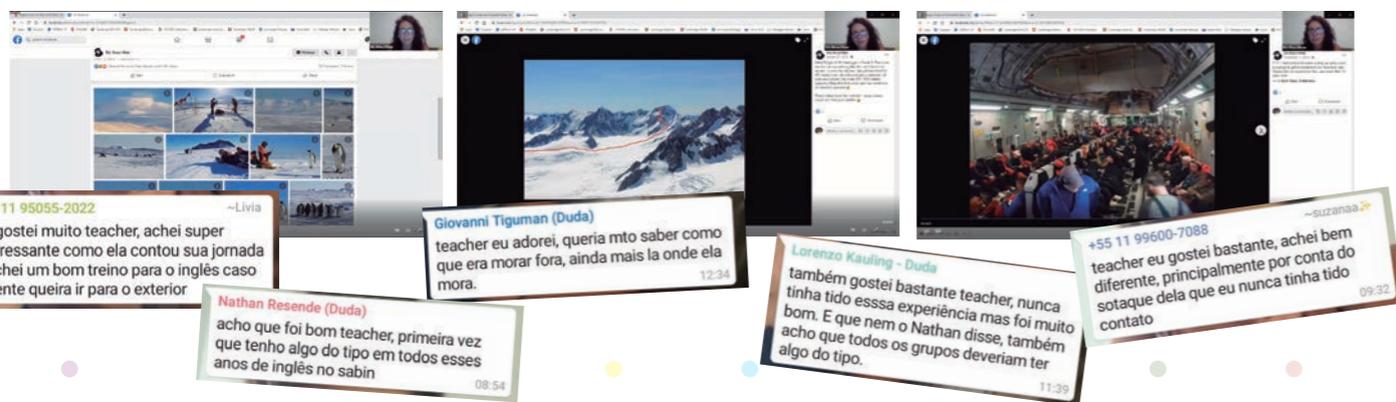
Segundo Márcia Bertti, regente do Coral oficial do Sabin, as aulas de canto não se restringem a quem tem talento, podendo ajudar a qualquer um no que a música faz de melhor: servir de válvula de escape para emoções que nem



Grupo de alunos atores agradece os aplausos da plateia no Teatro do Sabin.

sempre são postas em palavras. “Com a música, eles expressam suas tristezas, alegrias, ansiedades. É um suporte de equilíbrio emocional”. E o que ajuda um ajuda os outros, nota a professora de Música Elaine Giacomelli: “O Coral é uma atividade essencialmente colaborativa, não tem competição; todas as vozes fazem parte do conjunto”.

Porque, além de descobrirem “a própria voz” – num canto, num palco ou numa folha de papel –, também é notável como os alunos das modalidades culturais do Sabin percebem, mais claramente, fazer parte de uma coletividade. “Ao encenar vários personagens, com diferentes comportamentos e motivações, eles aguçam o olhar para o outro”, diz Roberto Pardo, professor do Teatro de Inglês. “Há um ganho muito grande não só em termos de repertório linguístico, do idioma, mas também de humanidade e empatia”.



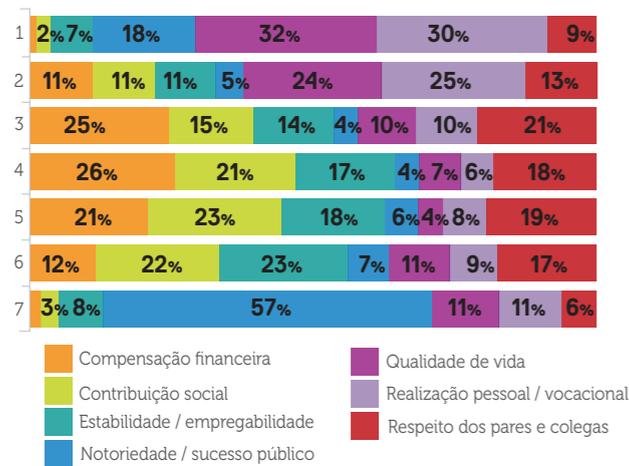
Desejos de pais

Pesquisa revela sonhos e expectativas dos pais de alunos para o futuro de seus filhos.

Que um pai deseje sempre o melhor para seus filhos, é natural. Mas quão otimista a atual geração de pais e mães se mostra ao pensar na vida adulta dos seus filhos? Para comentar esta pesquisa, com mais de 600 famílias do Sabin e do AB Sabin, convidamos

nossa diretora pedagógica, **Giselle Magnossão**, e **Tadeu da Ponte**, professor e coordenador de processos seletivos do Insper e CEO da Primeira Escolha, empresa especializada em avaliação educacional e seleção profissional.

PENSANDO NA VIDA PROFISSIONAL DE SEU(S) FILHO(S), COLOQUE EM ORDEM DE IMPORTÂNCIA OS SEGUINTE OBJETIVOS (1 = mais importante; 7 = menos importante)



Giselle Magnossão: “No olhar dos adultos, vejo se replicar algo apontado por pesquisas recentes entre jovens: a percepção da carreira como meio de realização pessoal e com ênfase na qualidade de vida. Essa visão se opõe à de gerações anteriores. Por outro lado, algo que não se nota nos adultos com o mesmo peso que tem para os jovens é a ideia de escolher carreiras de maior valor social, o que também é fator decisivo para a nova geração. Quanto à questão financeira ser menos citada como primeira prioridade, creio que reflita o perfil socioeconômico das famílias, que entendem que, provavelmente, a segurança financeira dos filhos seja um objetivo mais facilmente atingível, devido à formação diferenciada que estão recebendo.”

Tadeu da Ponte: “Noto como as visões mudaram nos últimos 30 anos: nossos pais diziam que uma boa faculdade era para garantir um bom emprego. Nunca ouvi meu pai dizer que era para eu ter qualidade de vida ou me sentir realizado.”

QUE PALAVRAS VOCÊ GOSTARIA QUE MELHOR DESCRIVESSEM SEU(S) FILHO(S) NO FUTURO?



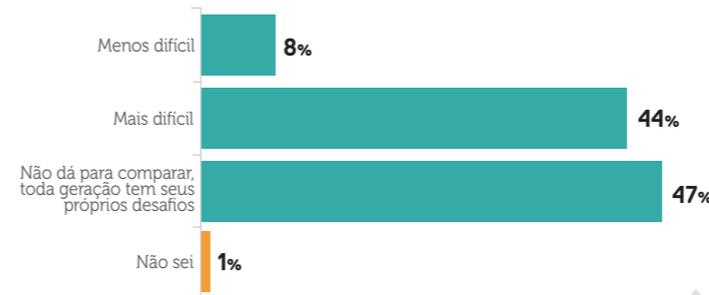
Tadeu da Ponte: “Era de se esperar que a felicidade fosse a maior aspiração dos pais, mas me chamou bastante a atenção a quantidade de termos relacionados ao desenvolvimento moral.”

QUE VALORES VOCÊ GOSTARIA QUE SEU(S) FILHO(S) LEVASSE(M) PARA A VIDA ADULTA?



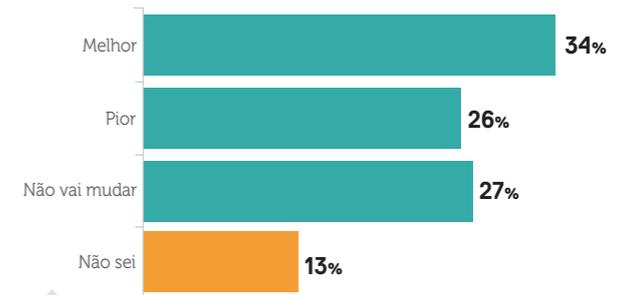
Giselle Magnossão: “Os atributos citados remetem à visão do filósofo Paul Ricoeur, que define a ética como ‘a vida boa com e para os outros em instituições justas’. Os pais esperam que seus filhos sejam felizes estando bem consigo mesmos – que sejam saudáveis, realizados, equilibrados –, mas também com algo maior – que sejam honestos, bons, justos. Essa visão menos individualista e mais generosa da felicidade me agrada muito.”

VOCÊ ACREDITA QUE A VIDA NO PLANETA SERÁ MAIS OU MENOS DIFÍCIL?



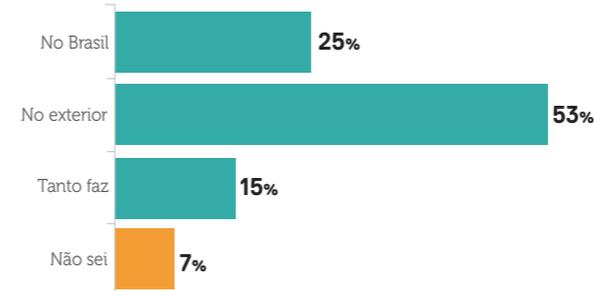
Giselle Magnossão: “Talvez o olhar dos adultos esteja influenciado pelo momento crítico que vivemos. Mas não podemos perder de vista que outras gerações também tiveram seus problemas, como a 2ª Guerra ou o período da ditadura militar. O desafio para nós, adultos, hoje, é o resgate do otimismo, até para que nosso pessimismo não contamine os jovens. Precisamos transmitir confiança para eles, até para lembrá-los de que fazer um mundo e um Brasil melhores também é sua responsabilidade.”

VOCÊ ACREDITA QUE O BRASIL SERÁ UM PAÍS MELHOR OU PIOR?



Tadeu da Ponte: “A tendência seria pensar que toda geração tem desafios. Mesmo considerando a pandemia, olha o quanto a ciência evoluiu desde a última! A vida vai melhorar, mas o momento atual de crise – inclusive com relação à questão ambiental – traz uma sensação mais pessimista mesmo. Quanto ao Brasil, acho que a atual geração de adultos cresceu com a visão de país em desenvolvimento: muito melhorou em nosso tempo de vida – moeda estável, maior acesso a serviços e produtos –, então muitos ainda enxergam as oportunidades, muita coisa a ser construída.”

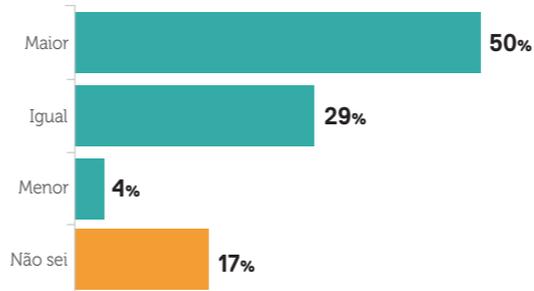
ONDE VOCÊ GOSTARIA QUE SEU(S) FILHO(S) VIVESSE(M) QUANDO ADULTO(S)?



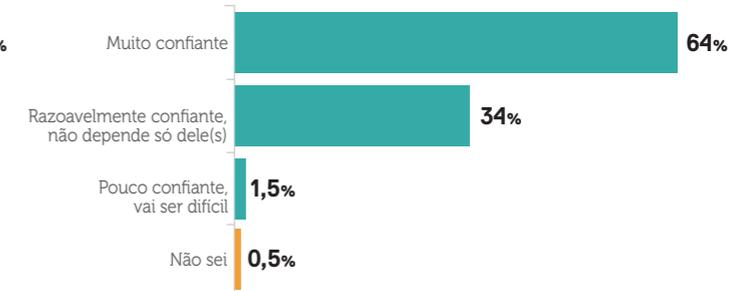
Giselle Magnossão: “Creio que esses 53% correspondam àqueles que acham que o Brasil no futuro será um país pior (26%) ou igual ao que é hoje (27%). Por um lado, numa visão de educação para a cidadania global, penso que a escola está a serviço do jovem, que deve poder buscar oportunidades e transformar o mundo, onde quiser. Por outro lado, a noção de que aqui não é possível realizar os sonhos preocupa; se tivermos uma fuga de cérebros, como esperar que o País melhore? Como educadora, gostaria de ver os jovens usando sua capacidade e inteligência pela mudança do nosso país.”

Tadeu da Ponte: “A gente até acha que o Brasil vai melhorar, mas mais da metade dos pais querem os filhos vivendo no exterior – o que pode refletir a ideia de que outro lugar sempre é melhor. Mas toda sociedade tem problemas. Dado o meio socioeconômico das famílias do Sabin, esses são os jovens que teriam mais oportunidades de mudar o País, porque têm acesso a uma boa formação e melhores carreiras. Não precisa ser político para mudar um país, você pode contribuir numa empresa, fazendo bem seu trabalho, cuidando das pessoas e do seu entorno.”

VOCÊ ACREDITA QUE SEU(S) FILHO(S) TERÁ(ÃO) NÍVEL SOCIOECONÔMICO MAIOR OU MENOR DO QUE O DA SUA FAMÍLIA ATUALMENTE?



QUÃO CONFIANTE VOCÊ É DE QUE SEU(S) FILHO(S) SERÁ(ÃO) CAPAZ(ES) DE REALIZAR OS PRÓPRIOS SONHOS?



Duas máscaras

A ordem é simples: alguns nascem para explorar, outros para serem explorados, e a única alternativa é aceitar o seu papel.

Todos os dias, antes de sair de casa, cubro minha face com duas máscaras.

A primeira é de pano, para me proteger de um certo vírus, enquanto a outra é de ideais românticos, para me proteger da realidade. Ambas são de vital importância, não consigo imaginar como seria meu dia sem projetar uma realidade idealizada.

Uma avaliação honesta? Minha vida se tornou muito mais tranquila a partir do momento em que comecei a invisibilizar qualquer marca de desigualdade econômica ao meu redor, desde moradores de rua até gentrificação. Mas essa maravilhosa máscara é acompanhada por um par de fones isolantes; faz meses que eu não preciso escutar as incessantes reclamações de colegas pretas sobre diferença salarial e racismo. A insuportável gritaria de manifestações, reduzidas a murmúrios contidos no fundo da minha mente, um eco de lutas as quais não me importam, já que não são minhas.

Entre os meus amigos, também, não se fala nessas coisas, não por tabu, mas porque já conquistamos uma vida tão boa, um *American way of life*. Não há motivo para esquentar a cabeça com essas coisinhas do cotidiano. A ordem é simples: alguns nascem para explorar, outros para serem explorados, e a única alternativa é aceitar o seu papel.

Nem sei o que é desigualdade regional. Homofobia? Expectativa de vida de pessoas transgênero? Não cabem a mim. Temas como reforma agrária, encarceramento em massa, divisão internacional do trabalho e precarização do trabalho são bolsas de vácuo em minha mente. O fato é que me alieno, sim, mas me alieno por opção.

O único momento em que tenho contato com temas cansativos é durante aquela maldita hora quando a transição entre a doçura de uma novela e a desumana sanguinolência de um programa criminal é feita por um telejornal sério e amargo. É nessa hora que a máscara cai, o isolamento acústico falha e o filtro perde a força. Com medo, raiva e desespero, surge em mim uma súbita onda de inconformidade, e reajo como qualquer um nessa situação: reclamo. Eu reclamo aqui e acolá, lançando pragas a todos os pontos cardeais e colaterais, sempre pensando que a mudança deve começar pelo outro, não tenho nada a ver com o “nós”.



Autor: Rodrigo Couto da Silva, 3ª série D do Ensino Médio.

O espectador

Sou um espectador
Da vida fora de mim.
Assisto ao mundo, marginalizado,
Sem deixar-me ser enxergado.

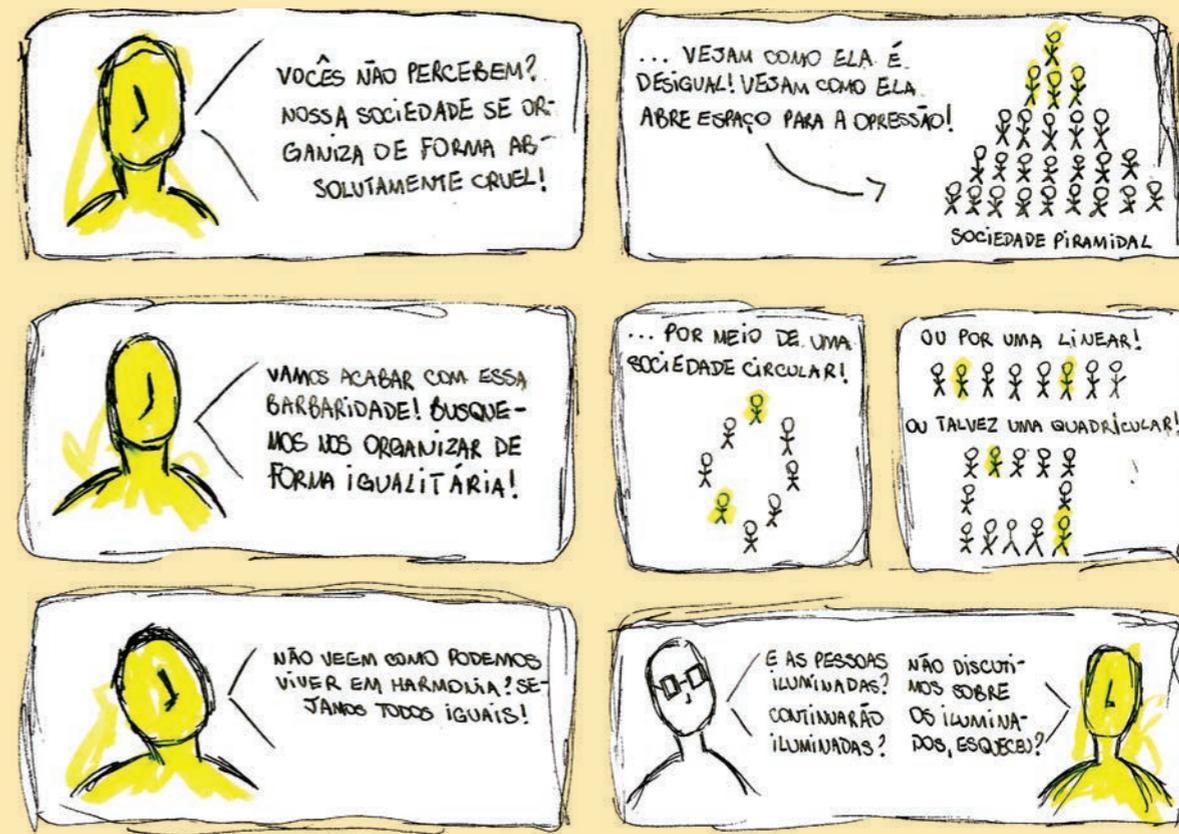
Sou um espectador
Desse jogo de dinheiro,
De ambição,
De ascensão social,
De imagem
E de futilidades.

Ontem fui espectador
De um grupo de pessoas tão preocupadas
Em qual restaurante iriam jantar.
Porque precisava ser o mais caro,
O de mais alta classe,
O de maior nível.

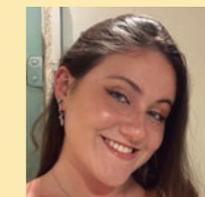
Tão preocupadas
Que nem viram o espectador
Que estava na rua passando fome
Enquanto elas discutiam
Sobre o restaurante.



Autor: Guilherme Ferreira Silva, 3ª série D do Ensino Médio.



Autora: Clara Bazzi, aluna da 3ª série C do Ensino Médio.



Autora: Lais Alves, 3ª série C do Ensino Médio.

